

# 'Linhas de curto prazo, bom negócio'

Na opinião do Gerente geral do Lloyds Bank, Fred Gibbs, muitos são os detalhes a serem definidos na negociação da dívida externa brasileira. Dois deles são a aplicação do **spread** — taxa de risco — sobre estoque total da dívida com os bancos e as condições de **relending** (reempréstimo) dos créditos que foram vencendo e ficaram depositados no Banco Central, mas Gibbs crê que será boa a adesão ao acordo. "Haverá resistências, sem dúvida, pois há bancos que desejam cair fora de qualquer maneira. Os bancos grandes, porém, devem acatar as recomendações do comitê".

No caso específico das linhas de crédito de curto prazo em moeda estrangeira, Gibbs também espera uma recuperação. "Essas linhas têm sido um bom negócio para os bancos. Na verdade, o Brasil sempre fez o serviço total (pagamento de juros e principal) dessa dívida. Em tese, se um banco quisesse não renovar essas linhas, poderia fazê-lo. Mas não creio que um grande banco proceda dessa forma. É possível até mesmo que esta seja a área em que o relacionamento do Brasil com os bancos privados volte a se incrementar".

A questão da conversão de dívida em capital é que permanece sendo uma espécie de pedra no sapato dos banqueiros. O Banco Central deve

estipular um deságio mínimo para todos os tipos de conversão, mas os bancos gostariam que, ao menos no caso do investimento no próprio negócio, a transformação de dívida em capital fosse feita na base de um para um (cada dólar de empréstimo corresponderia a um de capital).

Outro ponto de divergência, segundo o gerente geral do Lloyds, é a classificação dos empréstimos para efeito de conversão. "Quando o Lloyds britânico faz uma operação com o Lloyds do Brasil e este repassa recursos para a Eletropaulo, por exemplo, este empréstimo era caracterizado como privado, pois a responsabilidade do pagamento, estava com o Lloyds. Agora, a operação é definida pelo tomador final. Assim, o exemplo citado passou a ser um empréstimo público, não passível de figurar na dívida, que poderá ser convertida em capital através dos leilões", explica Gibbs.

O banco inglês pretende manter, no entanto, a sua estratégia de expansão no Brasil, seja diretamente, através de suas 16 filiais e quatro dependências da distribuidora (recentemente, o Lloyds fechou a agência de Fortaleza e abriu três novas filiais, em Caxias do Sul, Blumenau e Ribeirão Preto), ou da associação que possui com o grupo Multiplic.